

CAVEIRA

José Antônio de Ávila Sacramento

Corria o mês de abril de 2012. O compromisso firmado por João Bosco de Castro Teixeira era o de nos levar, eu e o professor Oyama de Alencar Ramalho, para conhecer um lugarejo simples, arraial conhecido por “Caveira”. Segundo Castro Teixeira, naquele lugar o tempo parecia passar bem mais devagar e, além de um trajeto através do luxuriantes campos das vertentes, poderíamos entabular boas prosas e degustar alguma coisa da cozinha local.

Em 12 de maio chegou o momento de João cumprir com o que nos foi prometido. Saímos de São João del-Rei na parte da manhã, via estrada velha para Tiradentes; da estaçõzinha da antiga São José del-Rei, seguimos pelo desnudo leito da antiga Estrada de Ferro Oeste de Minas, passando pela agonizante Estação Ferroviária de Prados, até chegarmos na cidade de Dores de Campos. De lá, por uma estrada de terra que possui mais entroncamentos que a média das outras, rodamos por cerca de duas léguas e meia, até chegarmos ao destino que tanto nos atraía.

Caveira é um sub-burgo, distrito do Município de Dores de Campos (antigo Arraial das Dores do Patusca, que adotou a primeira parte do nome em homenagem a Nossa Senhora das Dores, e a segunda em homenagem ao deputado João Luiz de Campos, que ajudou no processo de emancipação municipal junto ao governador do Estado, em 1938). Como tantos outros grotões em Minas, o arraial da Caveira fica quase que inteiramente plantado às margens d’uma rua principal, bem comprida; em certo ponto, a via se transforma em duas para dar lugar, num vasto gramado central, a uma igreja cujo orago é São Sebastião. Aliás, o nome oficial daquela comunidade é Distrito de São Sebastião de Campinas. Caveira é apenas um apelido, mas carrega em

si o enunciado que melhor faz a identificação daquela comunidade. Caveira, a toponímia paralela, está historicamente bem ancorada, e rogo que me perdoe o santo mártir romano que protetor conta a fome, a peste e a guerra, mas a denominação não me parece carregar impropriedade alguma. Se a ignorarmos, desconhecemos a força da antiguidade de um nome e a validade da memória oral popular daqueles moradores, maioria dos quais naturalmente não se lembram espontaneamente da (recente) nomeação oficial.

Discussões toponímicas à parte, o fato é que logo chegamos ao Arraial da Caveira (ou de São Sebastião de Campinas, como queiram!). Apeamos do automóvel junto das portas d'uma venda, estabelecimento do senhor José Maria Coimbra, um bom contador de casos e antigo morador do lugarejo; ele, junto com familiares, administra uma polivalente casa comercial de secos & molhados, um misto de armazém, mercadinho e bar, na Avenida São Sebastião, um lugar onde os fregueses podem adquirir frutas, legumes, grãos, carnes, verduras, biscoitos, utensílios diversos, beber cervejas e refrigerantes gelados, tomar boas cachaças, saborear petiscos (como saboreamos), e o que é melhor: prosear e saber das mais frescas notícias.

Estávamos curiosos com a origem toponímica do lugar. Sem entrar em discussões, indagamos ao sr. Coimbra se ele saberia nos dizer qual foi a origem da denominação do local. Então, ele nos contou que há tempos, bem pertinho de onde formou o povoado, quando aravam um pasto, antigo caminho por onde tropeiros, boiadeiros e caixeiros-viajantes transitavam por veredas que os conduziam para várias fazendas existentes nas redondezas, foi encontrada uma caveira humana, quase que sobre a flor da terra, e as pessoas acreditaram que aquele crânio seria de um escravo, ou de algum boiadeiro que fora morto por salteadores de estradas; daí em diante, conforme contava o avô dele, o povo começou a chamar o lugar de Pasto da Caveira. Foi assim que aos poucos o acontecimento foi servindo de sustentação para a antigória denominação do arraial.

A nossa prosa rolou solta... Quando saímos do estabelecimento, uma placa fundida em alumínio e afixada na parede despertou-me atenção. Curioso, fui ler os dizeres dela: “Inauguração – Ponte sobre o Córrego que liga o Município de Dores de Campos ao distrito de São Sebastião de Campinas. Prefeito Antônio Alves Moreira (Totinho). Dores de Campos, Julho/2002.”. Fiquei ainda mais curioso com aquela inscrição, já que ali não existia curso d’água algum. Chamei pelo senhor Coimbra e perguntei-lhe: “por que esta placa está colocada aqui, se não há córrego e nem ponte por perto?”. Rindo, não sei se de mim ou para mim, ele respondeu-me: “Ah, o córrego fica a uns dois quilômetros daqui. Retiramos a placa de lá e trouxemos para cá. É que se a gente deixasse a placa na ponte, poderiam furtá-la.”. Esta foi uma das apoteoses daquela visita, mas o fato não me surpreendeu pois sei que os “grotões de Minas Gerais”, as interioranas localidades que assim foram carinhosamente tão bem denominadas por Tancredo Neves, estão mesmo repletos de casos curiosos ou pitorescos como este.

Saímos do Arraial da Caveira com a intenção de voltar para São João del-Rei; no entanto, baseado num mapa ditado pelo senhor Coimbra e que foi desenhado num pedaço de papel pelo amigo João Bosco, como se ele fosse o nosso cartógrafo de plantão, resolvemos seguir na direção oposta, cumprindo um trajeto bem mais longo, procurando por uma comunidade denominada Carandaizinho, no Município de Prados. Com Oyama e este articulista atuando como copilotos, não demorou muito e deparamos com a Capela do Sagrado Coração de Jesus no topo de uma colina, templo que ali fora plantado entre os anos 1907 e 1913, e, na frente dela, um cruzeiro erguido pelos agricultores da região, no final do século XIX. Doas arredores da balaustrada do adro daquela igrejinha foi possível obter boa visão em 360 graus do horizonte da região. Não testemunhamos a presença, mas me disseram depois que em Carandaizinho existe um grupo folclórico, denominado Terno de Folia do “Folha Larga”, que se mentem em atividade há mais de 100 anos.

De Carandaizinho, por estradas vicinais, seguimos na direção da cidade de Prados. Passamos pelo Povoado do Livramento, à frente da igreja local, onde anualmente, no final de cada mês de junho, acontece a concorrida Festa de Nossa Senhora do Livramento. Atravessamos Prados e paramos para almoçar frango ao molho pardo no Restaurante Grotão, que fica uns dois quilômetros além da “Cidade-Présépio”, encravado na base de um profundo vale, às margens de um ribeirão. Quase no final da tarde, galgamos a encosta e voltamos para São João del-Rei, pelas rodovias Major Reginaldo Silva e BR-383, e assim fechamos o círculo do deslocamento iniciado na parte da manhã.

Dias depois, em São João del-Rei, eu fiquei sabendo que dentre as propriedades rurais existentes na região do Arraial da Caveira, a mais antiga é a Fazenda do Paiol, atualmente desabitada, mas que ainda se encontra em pé. Há também a Fazenda do Gaya, um importante exemplar arquitetônico de época, ainda habitada. Outras fazendas antigas daquela região são a do Contra-Mestre e a do Coelho. Dario Cardoso Vale registrou no capítulo XI do livro “Memória Histórica de Prados” que “em 1855, um pouco mais ou um pouco menos, o Governo Provincial de Minas determinou aos vigários das freguesias que procedessem aos registros de todas as propriedades rurais sob as suas jurisdições paroquiais. O trabalho foi realizado sob a responsabilidade do então vigário de Prados, padre João Rodrigues de Mello, conforme anotado no livro número 172 de Registros de terras, que se encontra no Arquivo Público Mineiro (Belo Horizonte). Esses registros dão conta que Silvano Pereira de Mello, residente no Caveira, possuía quatro alqueires de terra, confrontando com Manoel Costa, Joaquim Coimbra e José Ângelo Maia; Dona Coleta Maria de Jesus, também do Caveira, distrito da Ressaca, tinha 20 alqueires, dividindo com João da Costa e José Antônio Maia; Manoel Antônio da Costa, do Caveira, era proprietário de 11 alqueires, fazendo divisas com José Costa Silva, Manoel Souza Rodrigues e outros.

Além da versão da caveira encontrada no pasto que nos fora apresentada pelo simpático proseador José Maria Coimbra, tomei conhecimento de outra narrativa que também reforça a origem da designação do Arraial da Caveira: contam que naquela região, no século XVIII, nas horas mortas, um misterioso esqueleto passava a galope, montando um vistoso cavalo negro, e a caveira se destacaria dos outros ossos porque dos orifícios dela emanavam línguas de fogo; dizem que aquele corcel, além da ossatura, transportava canastras cheias de encomendas e correspondências da Corte (Rio de Janeiro) para Vila Rica (atual Ouro Preto) e vice-versa. Então, a partir da boca da noite, temendo a tal visão quimérica, as pessoas não se aventuravam mais a saírem de suas casas... Esta lenda fixou-se no imaginário popular e ajudou para que a denominação de Caveira ofuscasse, assim com ainda ofusca, a oficialidade do topônimo São Sebastião de Campinas.

As Minas Gerais são várias, escreveu Guimarães Rosa, e eu cada vez mais me convenço disto. Há muitas belezas, mistérios e tradições nos sertões da nossa terra e na memória da nossa gente. Todas estas riquezas devem ser perquiridas, merecem ser registradas e reconfirmadas. Podemos e devemos trabalhar um pouco mais profundamente com a memória daqueles que historicamente foram silenciados. Ao recuperarmos certas narrativas, descortinaremos aspectos antropoculturais da nossa região que se apresentam como ricos e sugestivos repositórios históricos. Só assim é que conheceremos mais e melhor os quintais da nossa aldeia, e na mais dificultosa missão tentaremos contradizer o amigo Adalberto Guimarães Menezes que desconfia que “nós, os brasileiros, conhecemos muito mais a história da Grécia ou a de Roma do que a do nosso país, estado ou município.”.

NOTA: *Versão reduzida desta crônica está publicada no Jornal de Minas (São João del-Rei/MG, edição número 188, de 24 a 30.08.2012, página 2).*



Igreja e cruzeiro do Distrito de São Sebastião de Campinas, Município de Dolores de Campos/MG, local popularmente conhecido como *Arraial da Caveira*.
Foto: José Antônio de Ávila, em 12 de maio de 2012.